

**Fortes D'Aloia & Gabriel**

**Galpão**

Rua James Holland 71 | 01138-000 São Paulo Brasil

T +55 11 3392 3942 | [www.fdag.com.br](http://www.fdag.com.br)

### *Antes do Presente*

Por Julie Boukobza

É um *continuum*. Não há início nem fim, não há um espaço definido ou uma temporalidade à qual se apegar. Isso poderia dar medo, nos angustiar como qualquer empreitada relacionada ao infinito, mas, por mais estranho que pareça, esse friso panorâmico que se desenrola como uma longa faixa de seda nos acalma. Essa obra fala tão-somente da natureza e de um mundo sem rupturas. “A ilusão de um todo sem fim, de uma onda sem horizonte nem litoral”, de acordo com os termos de Claude Monet. A suntuosa sala dos nenúfares, no Musée de l’Orangerie em Paris, é uma das inspirações do artista brasileiro Rodrigo Matheus para sua exposição individual intitulada “Antes do presente”, na Fortes D’Aloia e Gabriel, em São Paulo. De fato, essa experiência pictórica única se assemelha, estranhamente, à prática escultórica desse artista que tenta abordar a pintura de maneira enviesada, com o propósito de imergir ou submergir o visitante. Ele é assombrado pela ideia de um mundo que se inicia e que talvez acabe em breve. A primeira obra de Rodrigo Matheus que conheci data de 2010. Nessa época, eu ainda vivia em Nova York e foi meu amigo Simon Castets que me apresentou seu trabalho. Era uma série que utilizava placas em bronze chamadas *Hollywood*, *Forma e Landscape*. Recordo-me particularmente de uma placa preta adornada com um sol dourado, muito *art déco*, e acima dele vinha gravada a inscrição *Sunrise Sunset*. Já havia então, em Rodrigo Matheus, a vontade de derreter o tempo, de reduzir drasticamente o espaço que separa o nascer e o pôr do sol. Num outro registro, as sempre misteriosas pinturas rupestres, testemunhas silenciosas de tempos mais antigos que nosso tempo, fazem parte do imaginário do artista desde a infância. Ora, o título dessa exposição faz referência a uma época ainda mais recente, Antes do Presente (AP) significa um tempo que começa especificamente com a energia nuclear, nos anos 1950, como se o artista operasse uma aceleração em suas obras, atravessando esses tempos imemoriais para chegar ao apocalipse num piscar de olhos. Os motivos de seus trabalhos são, por exemplo, os nenúfares em homenagem a Monet, mas também a Victoria amazônica ou vitória-régia, uma gigantesca planta aquática brasileira. Também é possível identificar um vulcão, um incêndio, um touro ou uma Vênus. Aqui, porém, a tela é substituída por sorradeiras espículas de aço, sobre as quais flutuam desenhos feitos com fios acrílicos coloridos, todos eles beirando o impressionismo ou até mesmo a abstração e o *all-over*. A falta de nitidez de suas representações dá a impressão de uma fumaça difusa, de desenhos que parecem se incendiar e, conseqüentemente, prenunciam dias menos louváveis. Nesses imensos painéis, que tomam a devida distância com relação às paredes da galeria, Rodrigo Matheus confessa ter copiado o desenho de uma girafa proveniente de uma gruta no deserto do Saara, de uma cabeça de cavalo tirada da caverna de Chauvet, ou aquele das mãos indonésias em negativo de Calimantã, em Bornéu, que data de mais de 45000 anos. Assim, o artista retoma à sua maneira a grande tradição da pilhagem arqueológica. Uma questão que retorna frequentemente durante essa exposição é: como nos apropriamos do espaço público? Basta esquecer por um segundo que estamos num espaço expositivo, ou mesmo na sala adjacente de um museu de arqueologia, e imaginar que estamos em São Paulo, essa cidade tentacular, no banco do passageiro de um carro preso nos engarrafamentos. Nesses longos momentos de espera, lembro de contemplar como nunca os grafites que devoram os prédios díspares dessa cidade, da qual, no entanto, a

floresta nunca está longe. As assinaturas eram como linguagens codificadas, hieróglifos, transmitidas de uma gangue de grafiteiros à outra, com o desejo pré-histórico de deixar um vestígio e ao mesmo tempo permanecer anônimo, de explicar às gerações futuras nossos usos e costumes, ou talvez simplesmente o desejo de se impor num mundo sem piedade.

Tradução de Henrique Provinzano Amaral